

ECOS

da Academia de Saberes



Academia de Saberes de Aveiro

Praça da República – Casa Municipal da Cultura, 1º andar – 3810-156 Aveiro

Telefone 234108360; Telemóvel 963420530

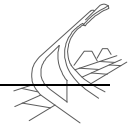
Ano IV - Nº 2 Abril 2010



Nesta Edição

Em Foco

- Entrevista com o Presidente da Câmara de Aveiro
- Pela Terra – casa de todos
- As nossas Leituras



Ficha Técnica

Ecos da Academia de Saberes
Academia de Saberes de Aveiro

Coordenação e Redacção

Área de Comunicação

Informatização e Paginação

A. Coutinho Dias e M^a Cacilda Marado

Colaboradores desta edição

Aida Viegas
Amorim Figueiredo
Anne Bartlett
Conceição Neiva
Fernanda Neves
Graciete Santos
Isabel Maria Almeida
José Manuel Cachim
Licínio Amador
Lourdes Oliveira
Maria Cacilda Marado
Maria Celeste Salgueiro
Maria Helena Fidalgo
Maria Helena Linhares
Maria José C. Valente
Maria José Sampaio
Maria Teresa Albuquerque
Rosinda de Oliveira

Editorial

Sempre o mesmo entusiasmo, a mesma força e a mesma esperança nos que frequentam a Academia de Saberes. Efectivamente, os projectos, as metas e as realizações continuam a alimentar este viver da nossa Academia. As aulas, as visitas de estudo, as conferências, as actuações dos grupos coral e das danças, os passeios pedonais, os encontros para um chá, saboreando histórias e partilhando vidas, mostram o vigor dos que, cada vez mais, fazem jus à alegria do *são viver*.

E, tal como o tempo, que no seu girar constante nos vai dando novas etapas da vida, aqui está o *Ecos* a fechar mais um ciclo, o do segundo período.

A festa da Páscoa, que está aí, dá-nos o mote para esta urgência de não nos acomodarmos. A *passagem* só é possível, criando laços, construindo pontes. O caminho pode ser adorado, se cada um de nós quiser.

Maria Cacilda Marado

Pontos de vista

O Bem, o Bom e o Belo

Num dos devaneios de pensamentos exteriorizados em palavras faladas, frequentes e intercorrentes, no decurso de uma das reflexões sobre “O homem como Património da Natureza e a Natureza como Património do Homem”, módulo de formação da área do Património durante o ano 2007/08, na nossa Academia de Saberes, propus-me reflectir sobre o Bem, o Belo e o Bom! Uma “académica” amiga, passados dias, cedeu-me o fruto da sua meditação, para eu usar, se entendesse ser útil. Mas o assunto passou-me da mente, e, só agora, ao ser solicitado pelo *Ecos*, através da Dra. Cacilda, responsável pela sua publicação, venho ter convosco para pensar, por palavras escritas, no que na altura veio a propósito, já não me recordo porquê.

São três palavras simples, compostas por três letras e só o “belo” lhe acrescenta mais uma. Não são irmãs, mas provocam sentimentos ou ideias como todas as outras palavras que proferimos, mas, neste caso, muito semelhantes na bondade que lhes assiste.

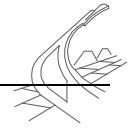
Há como que uma estética e um sentido de perfeição na forma e no simbolismo que as une.

É “bom” ser bom como nós costumamos dizer, porque nos faz “bem” à nossa consciência, à nossa alma. Torna-nos mais leves, mais felizes por, ao sermos bons, criarmos felicidade em nosso redor e os outros, os nossos vizinhos, beneficiarão de apoio nas suas mentalidades para a resolução de muitos problemas em que a angústia não permite o discernimento mais apropriado. É bom ser bom, mas, para isso, é necessário muito trabalho para se criarem as oportunidades de se ser bom, e, uma vez criadas, é necessário saber se o silêncio não será mais útil do que a palavra; como diz o filósofo, “fala se o teu silêncio não for melhor do que a tua palavra”. Seremos então bons a fazer o quê? A fazer o “bem”! Então o “bom” e o “bem” andam de mãos dadas...

O bom, contudo, pode ter também o significado de qualidade como um bom vinho, um bom ingrediente para tempero de uma refeição, um bom dia de sol nestes dias invernosos que nos tem limitado a amplitude do nosso mundo, ao visualizá-lo, somente, através da janela do nosso quarto, um bom carro em que nos deslocamos, etc., etc.

Então já não é o bom com o qualificativo do ser humano, da sua acção, do seu modo de proceder,





das suas acções ou reacções, mas, sim, simplesmente um bom como atributo da Natureza, mesmo que modelado pela acção de técnicos, mas que se coloca ao serviço do homem para por ele ser desfrutado.

E o “bem”, o que será? Será também dependente do homem e da Natureza, da mesma forma que o “bom”, ou terá um significado muito mais virtual? Será uma qualificação indistinta do homem e do meio que o envolve? E quando dizemos que alguém fez as coisas bem feitas? E que é necessário fazer bem o bem e que para isso é necessário muito trabalho? Costumo dizer que um voluntário, em qualquer actividade em que o seja, é para fazer o bem, mas insisto sempre que é necessário fazer bem o bem e não só por se ser bem-intencionado, se pratica o bem; é necessário estudar para se fazer bem o bem.

Então o bom e o bem são qualificações e acções que podem ser inicialmente o resultado dos dons da Natureza, mas que podem e devem ser sempre equacionadas, adaptadas e requalificadas pela acção do homem, seu destinatário ultimo e seu revigorador permanente no caminho da perfeição em que tudo é bem e bom!

E o “belo”? Onde é que ele ficou? Então, o que é bom e está bem não tem o significado de belo? Uma boa escultura não é um bem no sentido qualificativo, estético, meditativo, provocatório e educativo da nossa sensibilidade e bom e belo para desfrutarmos? Sendo assim, bom, bem e belo formam um conjunto de conceitos que se fundem em muitos dos pressupostos que lhe dão vida.

Será que estou a divagar, usando e abusando das palavras, contorcendo-as a meu belo prazer para delas retirar os dividendos que desejo? Será que é bom mudar o azimute aos meus pensamentos e orientá-los para a erudição dos pensadores, sejam eles filósofos, filólogos ou teólogos, homens da ética e outros, deixando este ser pensante, estas pseudo qualificações a quem de direito?

As divagações já vão longas e o espaço permitido e aconselhado é o de uma página e esta parece que está esgotada. Se o caro leitor não se sente esgotado, procure nas pistas que lhe deixo, ou, perante esta problemática, ponha-a no lixo, como costume dizer, e procure melhores caminhos para atrasar o nosso inimigo da idade, o senhor Alzheimer.

Até sempre!

Amorim Figueiredo

Volta da vida – erro judiciário?

Estava preso e não sabia porquê. Não se sentia culpado de nada.

Tinham mandado que se despisse para ser revistado. Depois entregaram-lhe uma roupa e meteram-no numa cela.

Ainda com a roupa na mão, olhou à volta. O espaço estava tão nu como ele.

Era alguém, mas não se lembrava quem. O que acontecera? Brigara? Matara? Atropelara? Não se lembrava.

Na sua mente, perpassava a aragem de um bosque; via árvores, afagava-lhes os troncos, reparava nas cores das suas folhas. Mas onde estavam elas?

As grades da cela, árvores? Pensou nos troncos fininhos e paralelos dos salgueiros, ao pé do rio.

Irritou-se: *Não quero pensar na floresta, não quero olhar para as grades! Melhor será olhar só os espaços, talvez assim me sinta livre!*

Era só o que tentava ver. Algo invisível – a liberdade.

Entrou em melancolia, depois tristeza...

Já dentro de algo que não lhe assentava bem, tentou reconciliar-se com o ambiente.

Descobriu que se podia estender, e adormeceu...

Maria José Sampaio

Anticiclones e depressões

É sabido que a localização condiciona o clima, e que este, por sua vez, mais não é que o resumo dos estados do tempo observados num lugar ao longo do ano. Também sabemos que há anos de Verão mais quente e outros de Inverno mais frio, e, quanto à chuva, ela cai de forma bastante irregular durante o ano e de ano para ano, daí que possam ocorrer cheias em Novembro, em Janeiro ou até em Abril de águas mil.

Claro que me estou a referir a Portugal, situado na zona temperada do norte e portanto, logicamente, com um clima temperado de 4 estações, em que se destacam bem, pelas suas características, o Verão e o Inverno.

Assim sendo, Fevereiro está em pleno Inverno; portanto, espera-se um estado de tempo normal para esta época do ano. Entram no jogo do tempo os anticiclones de origem térmica, que são responsáveis pelos dias de céu azul transparente, mas com frio de bater o dente, e as depressões relacionadas com a superfície frontal polar, que arrastam consigo nuvens de chumbo, descarregando





sem piedade bátegas de água que rapidamente organizam torrentes que fazem saltar os rios. Outras vezes, são nuvens que se desfazem tenuemente em gotinhas que persistentemente vão encharcando os corajosos que fingem ignorá-las (esta é a chamada chuva molha tolos!).

Isto com o tempo não se brinca! Muito tem evoluído a Ciência e a Tecnologia, e veja-se mesmo a título de exemplo o avanço conseguido nas telecomunicações, mas, contudo, no campo da climatologia e da meteorologia nada foi conseguido, para além dumas previsões mais ou menos fiáveis a partir do momento em que entraram em acção os satélites meteorológicos.

Agora, alterar mesmo o tempo e dominá-lo, para já, não está ao alcance do Homem. As chuvas artificiais, provocadas na mira de fazer verdejar e florescer campos de terra estéril, acabaram como projecto abandonado pelos riscos da poluição atmosférica que desencadeavam.

Fevereiro, portanto, é tempo de Inverno, mas é também tempo de Carnaval.

O Carnaval está na tradição dos portugueses como um «carnaval trapalhão» feito de larachas e partidinhas, da sátira brejeira, dos bailes de assalto, das rondas de mascarados envolvidos no prazer de gozar o Carnaval, no desfile de cabeçudos, dançando ao som de gaitas de foles e do rufar de tambores.

Mas há uns anos a esta parte instalou-se a «moda do carnaval carioca». Lá no Brasil, sim, país tropical localizado no hemisfério sul, Fevereiro é brindado com temperaturas «de suar as estopinhas». Daí é normal a pouca roupa dos foliões e a nudez provocante dos corpos das bailarinas, acertando-se ao ritmo do samba.

Nós por cá continuamos a perder as nossas raízes e a valorizar o que vem de fora. E então aí está o carnaval carioca de importação! Anunciam-se os corsos por todo o lado, e as vedetas das telenovelas aí estão a encarnar os reis e a rainhas do Carnaval que, instalados nos seus tronos, limitam a sua presença a uns sorrisos e acenos de mão, que aos reis nada mais é exigido!

Desfilam as pretensas escolas de samba com meninas pseudo divertidas, de sorriso amarelo e a tiritar de frio, sim, que as temperaturas não se compadecem com tamanha falta de roupa...

E as pessoas? Ali ficam a ver o desfile, fazendo de conta que se estão a divertir muito, vendo passar os foliões que muitas vezes se arrastam sem alegria como quem está a cumprir uma obrigação.

Lá passou mais um Carnaval. Divertiram-se?

Nós, por cá, não o deixámos passar sem marcarmos

presença na festinha da nossa Academia.

O frio e a chuva ficaram lá fora. Anticiclones? Depressões? Que importa?

Indiferentes ao tempo, comemos, bebemos, brincámos e rimos, dançámos e partilhámos a alegria de mais um encontro.

Lourdes Oliveira

Postal da neta Joana (enviado ao avô Cachim)

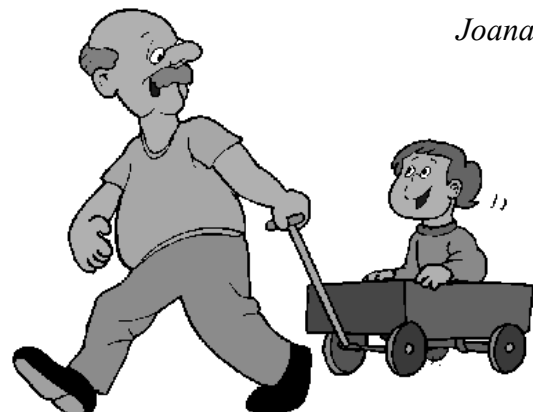
Querido avô

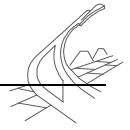
Vou-te falar outra vez da escola onde tu andas com a avó mas continuo sem entender o que é que aprendes pois já sabes ler e escrever e contar sem ser pelos dedos e até sabes contar histórias mas não acredito nelas porque tu inventas tudo e pensas que eu acredito mas vou-te dizer uma coisa que é quando tu pões burros cães e vacas e camelos a falar a rir e a chorar isso não é verdade só podia ser se houvesse fadas e não há fadas.

Nessa tua escola andas sempre a passear e fartei-me de rir quando contaste que foste no comboio e o comboio parou para mudares para outro como quando fui ao Porto contigo e tu e os teus amigos saíram na estação e tornaram a entrar no mesmo comboio mas por outra porta e vinham todos sentados e depois foram todos em pé porque já não tinham lugares e as outras pessoas todas olhavam para vocês e nem se riam nem nada se calhar pensaram que era alguma história para a televisão ou pensaram que era alguma excursão de tolinhos pois que ninguém sai de um comboio para ir no mesmo quando vêem tanta gente a fazer a mesma asneira gostava de estar lá para ver só espero que não tenham pensado que vocês eram todos maluquinhos.

vê lá se lêes mais astérixes para conheceres os romanos

Joana (oito anos)





São Valentim

Aos cinco anos,
ela traça a lápis de cor
um coração torto,
exagerado,
sem graça,
e sorrindo diz:
“Mamã, fiz o amor.”

Aos dez anos,
pinta esmeradamente
um pequenino coração encarnado,
espeta-lhe
uma seta,
e seja lá por que razão for
sente
que conseguiu representar o amor.

Aos vinte anos,
ela começa a desenhar a carvão
o contorno estilizado
de um tradicional coração,
depois hesita,
acha feio,
rasga o papel.
Nesta idade o amor
quanto mais carnal
melhor.
Assim sendo,
é na sedosa pele do seu seio,
por cima do coração,
que irá ficar tatuado
para sempre
o nome do actual namorado.

Aos trinta e tal anos,
compra a correr
um cartão mais ou menos apropriado
com muitas palavras meladas
e um coraçãozinho disfarçado.
Depois pensando com mais vagar:
*Para o diabo a intenção,
este tipo nem merece!*
Chegado o dia, porém,
acaba por enviar
um banalíssimo SMS
com uma mensagem
supostamente de amor,
críptica, elíptica,
que nem diz a verdade nem mente.

Aos cinquenta anos,
coração
passa a ser uma questão
de joalheiro.
Ela quer que lhe ofereçam o símbolo do amor
fabricado em ouro,
com um rubi incrustado,
valiosíssimo,
genuinamente verdadeiro,
algo que possa ser fotografado,
comentado,
cobiçado,
que no catálogo dos corações preciosos
seja de longe o primeiro.

Aos setenta e muitos anos,
nada, mesmo nada, optimista,
sofrendo de cansaço,
arritmia e dor,
coloca o seu pobre coração avariado
nas mãos de um cardiologista.
Não é um gesto de amor,
é um gesto de aflição.
- Cuidado, muito cuidado,
o tecido muscular
começa perigosamente a falhar.
- E agora, doutor? Qual a sua sugestão?
- Temos de abrir,
cortar,
introduzir peças artificiais.
- Que horror! Não diga mais! Não diga mais!

Lá se vai o símbolo ancestral da paixão.
Lá se vão Cupido, arco, flechas, etc. e tal.
E até mesmo o São Valentim,
coitado dele, chegou ao fim!

Helena

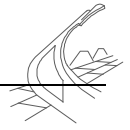
Pela Terra – casa de todos

*Os olhos da natureza são os
nossos olhos*

A lição dos pequenos gestos

Há pessoas que nos marcam para sempre pelo que aprendemos com elas. Pois bem, começo por vos falar de uma delas que, com idade já avançada e fustigada pela doença, sempre que via um papel no chão, um pequeno cisco, um desalinho qualquer, se dobrava imediatamente para recolher e colocar em





Ambientes

sítio próprio aquilo que considerava estar a perturbar o ambiente. Uma prática normal poderão achar os leitores, mas para mim uma verdadeira lição de vida. Dizia aquele meu amigo especial que aprendeu nos escuteiros, quando era criança, que todos os dias devia fazer a sua boa acção. Os anos já pesavam, a doença complicava ainda mais, mas a atitude foi sempre a mesma. E eu vi este comportamento ao longo dos anos que tive a felicidade de conviver com esta pessoa. Muito especial, não só para mim.

Mas não fico por aqui. Ainda não se falava em recipientes que separam os lixos, ainda não havia contentores específicos para colocar os resíduos e já uma amiga minha, ainda fresca na sua juventude, punha meticulosamente o papel para um lado, os plásticos para outro e por aí adiante. Então, dizia ela, depois de ter visto na TV que as pilhas deitadas na terra assim permanecem durante muitos anos, nunca mais as deixou de colocar em local adequado. Uma pessoa delicada, cuidadosa consigo e com os outros que ainda hoje continua a ter este comportamento.

Mas do ambiente fazem parte outros comportamentos tão ou mais poluentes. E voltando aos exemplos que estas duas pessoas me deram, não posso deixar de referir o modo delicado como ambas lidavam com as pessoas, por não julgarem, por procurarem guardar religiosamente as confidências daqueles que em si confiavam, por estarem sempre disponíveis para servir e ajudar, por, nas suas relações, ser o sorriso o primeiro elo de ligação com o outro. Como que a confirmarem que, no relacionamento humano, o não verbal tem um peso muito significativo na comunicação. Uma espécie de *argamassa* que cimenta as relações, que ajuda a manter o *edifício* que alberga cada um de nós e todos os que fazem parte do planeta terra.

Assim, a ecologia pode apresentar muitos e variados matizes. O tom dependerá do modo como são dadas as pinceladas e, sobretudo, da substância que compõe as tintas. Ambas, se nós quisermos, podem ser sempre aprimoradas. Quando, em vez de darmos o supérfluo, nos damos, quando, pelo outro, sentimos reverência, quando, com pequenos gestos, fazemos da natureza e dos nossos ambientes um verdadeiro tabernáculo. Que acalenta cada um de nós, a nossa família, os nossos amigos, todas as pessoas.

Maria Cacilda Marado

A alma das torneiras
revoltara-se
contra o tempo.
Tinha os fígados desventrados
e os dentes afiados
das coisas embrutecidas
calavam os baldes
os regadores
e os falcões nas alturas.

A claridade
no seu ventre falido
de inverno
rasgava a névoa azul
das folhas quebradiças
e brandia na bruma
da manhã
o seu punhal faiscante
de aventuras.

Do coração das garças
gaiotas e estorninhos
saíam gritos agudos
infestados de nevoeiro
onde navegavam
velozmente
barcos carregados
de ilusões
rumo ao ancoradouro
das praias desertas.

O orvalho
de dentes caninos
de moscardo
e garras pardacentas
de cinza
chapinhava
nos charcos
ainda inundados
de vidas e protestos.

E no centro
dos redemoinhos
o sono tardio
acordava o milhafre
e as pombas.

Tudo se preparava
para a tragédia
que poderia trazer
novas garras
ao tigre solitário
das nortadas.

Rosinda





O Ambiente e a Ria

Um Espantalho e a Ria!
Vede que pareenças tem.
Um espantalho mete medo,
E a Ria não cheira bem.

O espantalho afasta os pássaros
Que devoram os trigais.
O mau cheiro faz que os turistas
Não regressem nunca mais.

Se os canais da nossa Ria
Não tivessem lixo tanto!
Suas águas cristalinas
Seriam um doce encanto.

A Ria despoluída
Agradava a toda a gente.
Alegrava a nossa vida
Melhorava o ambiente.

De todos nós, deveria
Ser nosso empenho primeiro
Despoluir, manter viva
A querida Ria de Aveiro.

Aida Viegas

Direitos e Deveres de Cidadania

Tal como muitas outras pessoas, tive os meus filhos pequeninos que cresceram, e hoje tenho netos, sete, por graça de Deus, que são, como ouvi alguém dizer com muita graça, *os filhos polvilhados com açúcar*. Sete tesouros com os quais gosto de ocupar o meu tempo, como qualquer avó normal. Com os quais gosto de conversar e passear. Como gostaria de os acompanhar, brincando nos jardins do meu bairro, ou noutros relvados da nossa bonita cidade! Porém, tal prática é-me negada. Aliás, sou eu própria que, com desgosto, mal alguma das crianças investe numa corrida inocente através da relva verdinha, quem, imediatamente, se vê forçada a advertir, ou mesmo a intervir para que tal intento não se concretize.

As crianças interrogam-me, ficam tristes, por vezes até se zangam, não compreendendo o porquê da minha recusa em que elas possam entrar no relvado, não na intenção de o pisar, mas, sim, de perseguir: um passarito, que saltita perante os seus olhos, uma borboleta, ou até um gatito que por ali se diverte. Explico-lhes, mas noto que têm dificuldade em entender os motivos pelos quais me oponho, e para elas corro aflita ao primeiro assomo de tentativa de

invasão daquele espaço. Confesso que também eu tenho dificuldade em compreender como é que, no século XXI, há pessoas que, sem a menor atenção para com os outros, para com o ambiente e a higiene, continuam a passear os seus cãesinhos e canzarrões, pelos passeios e jardins da nossa cidade, deixando atrás de si montes de dejectos ao ar livre por tudo quanto é sítio. Quantas vezes nos deparamos com um *monte* bem no centro do passeio ou na entrada dos prédios. E se distraídos o pisamos?...

Como poderei deixar uma criança entrar num relvado, se a porcaria de cão é tanta que se vê escura, por sobre a relva, à distância? Se todos os dias vejo os animaizinhos satisfazerem as suas necessidades primárias bem prazenteiros pela mão dos seus donos, por esses lugares? Curioso, já agora, não deixa de ser que os donos, tendo junto de suas casas espaços verdes, não deixem que os seus animais aí façam o servicinho e os tragam para o fazerem junto da porta dos outros.

Não tenho nada contra os cães, notem bem. Penso que os donos dos cães também não tenham nada contra os meus, nem contra os seus próprios netos, os que os têm. Lamento, sim, vivamente, que quem tem um cão, não se lembre de que o cão é seu, mas a rua é de todos, e, como tal, não tem o direito de a sujar. Por que não recolhem os dejectos dos animais com um saquinho de plástico que depois colocarão em local adequado? Será assim tão difícil? Penso que é apenas uma questão de hábito e de civismo.

Os cães e os seus donos têm o direito de usufruir de todos os espaços públicos. E as crianças, Senhor? Porque padecem assim? Já assim dizia o poeta Augusto Gil.

Senhor Presidente da Câmara, daqui lhe lanço o meu veemente apelo: implemente campanhas neste sentido, para tentar sensibilizar a opinião pública para este problema.

Os meus netos estão a crescer, mas outros virão, e não só as crianças necessitam de higiene ao redor de suas casas.

Aida Viegas

Ecologia

Estuda aprofundando, o que é premente
Como verdadeiramente importante,
Olhando “Tudo” com sensibilidade,
Ligando-se à semelhança e à diversidade.
Obedecendo a “Leis” incontestáveis,
Geradoras de acções profícuas,
Intrínsecas, reais,
Alertando, ainda, para questões perigosas e letais.

Conceição Neiva





Canção de Primavera

este cheiro a cor
 este sabor a asas e trinados
 este som de ramos perfumados
 esta carícia de pólen
neste dia

esta simbiose de seivas e alegria
 este gargalhar do vento
 que eu vejo
e para ti
 converto em melodia

Helena

Vento

Ao acordar
 o vento vem
 beijar minha face
 e comigo segredar...

Deu-me um beijo
 tão doce e calmo
 aqueceu meu coração!
 Como o vento
 quando passa
 pelas searas no Verão!

Nas minhas mãos
 Agarrei o vento...
 Mas ele fugiu
 por entre os dedos
 para bem longe,
 dar frescura
 à Natureza
 e assim espalhar
 seus medos!

Vento!
 Quando bates
 à minha janela
 cheio de frio e
 cansado de viajar!
 Bates devagarinho
 e num lamento
 pedes p'ra entrar...

Aqui sentes calor
 e paz, podes
 finalmente descansar.

Isabel Maria

A Paisagem no Poema

São os olhos
 que constroem a paisagem
 erguendo troncos musgosos
 no descampado da tarde,
 projectando no verso
 a onírica sombra das árvores.

São os olhos
 que renovam a seiva da metáfora
 entreabrindo o corpo da flor,
 riscando voos
 na diáfana textura das palavras.

São os olhos
 que ao anoitecer
 despenteiam a folhagem
 soltando o canto anónimo de um pássaro,
 quebrando melodicamente
 o silêncio do poema.

Helena

Morrer de pé

É de pé que as árvores morrem
 Nós sem elas mal vivemos
 Mais dura mais lentamente
 Sem ar puro fenecemos.

Morrem pelo fogo devoradas.
 Mortas, inda de pé permanecem.
 Negros padrões, ali carbonizadas
 Lembram como os fogos acontecem.

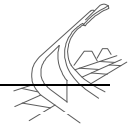
Gritam silêncios por vales e montanhas
 Protestam caladas, ante toda a gente
 Ante a Humanidade serena e indiferente
 À mata destruída, a desgraças tamanhas.

Pouco é o que escapa ao fogo devastador.
 A morte é espalhada tão levianamente!
 Morrem plantas, animais, semente
 Só fica a terra contorcida em dor.

Ao ser o nosso equilíbrio destruído
 Por ganância, incúria ou por vingança
 Todo o incendiário deveria ser punido
 E terminar seus dias sem parança.

Aida Viegas





“Considero a Academia de Saberes um projecto exemplar na dignificação da vida humana (...)”

Entrevista com o Presidente da Câmara de Aveiro, Élio Maia

Ecoss da Academia de Saberes (E. A.): – A Academia de Saberes de Aveiro (A.D.S.A.) é já uma Instituição afirmada na nossa cidade. O que pensa acerca da importância deste projecto na sociedade aveirense?

Élio Maia (E. M.): - Considero a Academia de Saberes um projecto exemplar na dignificação da vida humana, considerada integralmente, lembrando que a Idade de Ouro, da pós-reforma, pode e deve ser um tempo de harmonia, de felicidade e de contínua aprendizagem. Entendo que os saberes devem ser adquiridos em cada dia que passa, pois é a actualização individual das novas experiências do mundo que faz de cada um de nós um cidadão do seu tempo. Esta Academia tem, por isso, desenvolvido uma obra notável na escolaridade informal, na convivialidade dos nossos cidadãos e na renovação de conhecimentos e de expectativas que todos nós devemos possuir em relação ao futuro, independentemente da idade que temos.

(E. A.): - Sem dúvida, que a Academia de Saberes é uma mais valia para a cidade de Aveiro. Parece-lhe que a parceria que se tem vindo a desenvolver entre a Academia e o Pelouro da Cultura deverá continuar ou, até, incrementar-se?

(E. M.): - Parece-me que sim. O Município de Aveiro honra-se por encontrar na Academia dos Saberes uma entidade que soube e sabe responder às necessidades concretas dos seus associados e participantes. É com imenso orgulho que a Cidade sente que há gente mobilizada, com empenho e generosidade, para apoiar causas cívicas e sociais. Por isso, o apoio do Município deve continuar e deve acompanhar o incremento das actividades da Academia.

(E. A.): - A A.D.S.A. desenvolve vinte e duas actividades distribuídas por trinta e quatro turmas, e tem mais de trezentos sócios o que demonstra o trabalho desenvolvido e o interesse

das pessoas por esta Associação. Não será possível a cedência de instalações mais amplas e independentes que possibilitem o desenrolar de todas as actividades num único local?

(E. M.): - A actividade da Academia é admirável. Prova disso é a diversidade de actividades propostas e o grande número de mulheres e homens que nelas participam. Ninguém pode ficar indiferente a essa realidade e todos os parceiros, públicos e privados, incluindo o Município de Aveiro, têm de encontrar meios que contribuam para qualificar a actividade da associação. Estamos, por isso, a dialogar, como sempre o fizemos, para se encontrarem soluções ajustadas à prossecução dos objectivos sociais da Academia, seja ao nível das instalações, seja em qualquer outro em que o interesse público justifique o auxílio municipal.

(E. A.): – Considerando que cada vez cresce mais o número de pessoas desocupadas e ainda com bastante força de vida e, portanto, com necessidade de ocuparem os seus tempos livres, acha relevante a actividade desenvolvida pela A.D.S.A?

(E. M.): - Acho relevantíssima essa actividade. Assumo que ela é mesmo imprescindível para a coesão da nossa comunidade, que se constrói com a soma de auto-realização e felicidade de cada pessoa. As actividades da Academia preenchem um espaço vital na vida das pessoas e são um factor de valorização e de enriquecimento pessoal inestimável.

(E. A.): – E, a terminar, Senhor Presidente, tem algumas sugestões para melhorar esta Associação? E em que aspectos?

(E. M.): - Sugiro que a Associação, os seus órgãos sociais, os seus associados, prossigam com o seu projecto inovador e criativo que os distingue e que enobrece Aveiro. Sugiro que mantenham a disponibilidade e o afecto para continuarem a desenvolver um projecto lindo e importante para Aveiro e para os Aveirenses.

Área de Comunicação





Passeios & Companhias

Réveillon em Espanha



A direcção da nossa Academia organizou a festa de passagem de ano, de 2009 para 2010, num hotel de La Coruña, em plena Galiza.

O grupo que aderiu a esta entusiástica iniciativa era constituído por 38 pessoas, a maior parte sócios, acompanhados de alguns familiares e amigos.

Assim, no dia 31 de Dezembro, pelas 9 horas, partimos num confortável autocarro, de uma agência de viagens de Aveiro, que nos disponibilizou um guia durante toda a viagem e estadia no hotel de destino.

Depois de uma paragem técnica na área de serviço de Santo Tirso, passámos por Valença do Minho, ao lado de Tui e Vigo e almoçámos já na Galiza, na cidade de Pontevedra.

Prosseguindo viagem, chegámos ao hotel, onde iria decorrer o *réveillon*, ao fim da tarde.

Depois de instalados, preparámo-nos adequadamente para a festa do *réveillon*.

À ceia de gala, com abundante e variado marisco e outros acepipes, seguiu-se um animado baile, ao som de um grupo musical.

Como é de tradição na Galiza, foram distribuídas as “uvas da sorte” e brindou-se alegremente a entrada no ano de 2010, sobretudo com *champagne*, apitos, sorrisos e abraços.

No dia seguinte, dia 1 de Janeiro, houve o almoço de Ano Novo, constituído por um variado *buffet*. Durante a tarde, realizou-se uma visita panorâmica pela cidade, com guia local, que nos deu a conhecer vários aspectos da vida na Galiza, lendas e costumes locais. Foi dado especial ênfase à emblemática Torre de Hércules, com o seu farol romano, ainda em funcionamento e declarado recentemente património mundial.

No dia seguinte, conforme o que estava programado, passámos por Sanxenxo e almoçámos na ilha de *La Tocha*, perto das aprazíveis “rias baixas”: entradas de marisco, *paella à marinera* e tarte de queijo. Tudo isto é muito característico da gastronomia galega!

Regressámos às nossas casas por volta das 19.30h, felizes, satisfeitos e de boa saúde!

GM

Ecoss da viagem de estudo a Macieira de Alcoba

Eco é o som que se repete por montes e vales depois de pronunciarmos uma palavra.

Aqui é o eco que se repercute no meu coração e na minha memória por um dia bem passado e proveitoso em camaradagem, cultura e lazer.

O Dr. Amorim foi a pessoa indicada pelo nosso professor Dr. Amaro Neves para nos ir elucidando sobre a região e trouxe consigo o Dr. António Amaro, seu colega e natural de Macieira de Alcoba, onde desenvolve uma grande acção de associativismo e cultura.

Falaram-nos das terras chamadas *assortes* por terem sido distribuídas à sorte. Por sinal, já as tínhamos visto na Beira Alta quando fomos a S. Cristóvão de Lafões; aí, eram separadas por pequenos muros de pedra sobre pedra. Mais perto de Aveiro, as terras distribuídas para serem cultivadas chamavam-se *enfiteuse* – aforamento, e os que as recebiam eram os *enfiteutas*.

Fomos apreciando a paisagem e parámos na ponte, junto ao rio Alfusqueiro – bem lançada, dum só arco. É da tradição popular que foi feita pelo diabo, numa só noite. Por vezes, tem sido apontada como romana. O rio ia com muita corrente. Era de apreciar a paisagem um pouco agreste pelos efeitos do rigoroso Inverno.

Em seguida, fomos à povoação de Urgueira ver um forno comunitário.

A paisagem, sem ser humana, torna-se monótona. De repente, apareceu uma senhora vestida com a *capucha* do Caramulo. Foi lindo, apesar de o dia estar escuro e chuvoso.

Entretanto, eram horas de almoço e dirigimo-nos para o restaurante em Macieira de Alcoba. Esta povoação fica situada entre Vouzela, Oliveira de Frades e a Serra do Caramulo. O restaurante foi adaptado duma antiga escola primária, do plano dos Centenários, por falta de alunos. Conserva ainda mapas, estantes, um crucifixo... e a um canto havia uma lareira onde ardia lenha, aquecendo a sala. O





hall de entrada estava transformado num bar onde também havia uma «mostra» de trabalhos artesanais.

As mesas estavam interessantemente decoradas com sabor local, desde as toalhas à loiça da região; o pão estava dentro duma saca de retalhos tão típica de outros tempos. Os aperitivos eram saborosos, a comida bem confeccionada; as sobremesas bem portuguesas e variadas. A um canto, um grupo que estava lá a almoçar cantou cantigas regionais – das que costumavam cantar à tardinha ou à noite pelas ruas da aldeia. Da nossa excursão também as “académicas” que frequentam a aula de Canto Coral nos brindaram com suaves canções.

Partimos em direcção a Águeda para visitar a Fundação Dionísio Pinheiro. O sol apareceu, o que tornou mais bonita a paisagem. Admirámos um belo conjunto de espigueiros e a luxuriante vegetação. Chegámos a Águeda, à Fundação D. Pinheiro onde nos esperava uma simpática senhora, que nos acompanhou na visita, explicando o que víamos. Admirámos o mobiliário, as louças, os quadros; entre eles, havia autores cujas obras eu já conhecia doutros lados, como António Carneiro, Fausto Sampaio e Carlos Reis.

Chamou-me a atenção o quadro do *bêbado e do rapaz* a afugentar os pardais.

Depois, partimos para Aveiro.

Vai daqui um grande “Bem-haja” para o nosso professor Dr. Amaro Neves que nos proporcionou este passeio e para os dois colaboradores, Dr. Amorim e Dr. António Amaro, que o enriqueceram e nos enriqueceram com o seu saber.

Maria José Craveiro Valente

Crónica de uma visita a Coimbra



Aquela manhã de terça-feira acordou cinzenta, ventosa, mas, mesmo assim, rumámos para Coimbra, a tal cidade dos doutores, da universidade, da cultura.

Ao chegar, protagonizámos uma pequena aventura ferroviária, com a saída do comboio que nos levou, seguida da imediata entrada no mesmo rumo a Coimbra A; não deu muito bem para perceber, mas fez tudo parte da aventura, do passeio.

Seguimos imediatamente para a “alta” da cidade, mais propriamente para o Museu Machado de Castro, onde nos esperava um guia que nos transportou a *Aeminium*, de há dois mil anos atrás. Foi então o deambular pelo fórum da antiga cidade, pelo criptopórtico posto à disposição do visitante.

Foram abóbadas, foram celas que nos contaram os seus segredos, as suas histórias de séculos, os soldados lusitanos que se misturavam com os romanos aqui em serviço, calcorreando ao nosso lado o lajedo das ruas, enquanto os senadores discutiam os problemas da cidade, exibindo as suas togas... as sandálias! Mas também soubemos muitas coisas dos imperadores lá de Roma; histórias de Augusto e sua mulher Lúvia, Trajano, Cláudio, Agripina, Calígula, Júlio César, as suas grandezas, mas especialmente as misérias, que os lusitanos, sempre que por nós se cruzavam, nos iam contando em surdina e em segredo, não fossem os colonizadores romanos ouvirem...

Mas era preciso regressar ao futuro, tanto mais que os estômagos começavam a dar sinais de indigestão histórica de séculos. Atacámos então o almoço que foi por todos animado, muito especialmente pelo engenheiro Cachim que logo começou a poetar tendo como folha o guardanapo de papel.

O banho de cultura coimbrã continuou agora na Universidade, com a capela de S. Miguel e o seu órgão, a prisão dos estudantes, a biblioteca de D. João V que nos recebeu do alto do seu trono de uma forma magnânima a condizer com ele. Informou-nos, entre outras coisas e com toda a sua magnificência, sua característica, do número de livros ali reunido e que tinha andado por grutas sombrias com os seus cortesãos à caça de morcegos, transportando-os para a biblioteca, para se entreterem a comer os insectos antes que estes comessem a sua valiosa colecção, mas acrescentando que, à noite, antes de ir para os salões dançar o delicado minuete, cobria os móveis com lençóis de couro, não fossem os mamíferos fazerem as suas necessidades fisiológicas em cima de tão reais preciosidades. Por fim, o rei magnânimo guiou-nos à sala dos Capelos onde decorria um doutoramento em Química, explicando-nos os pormenores mais importantes da cerimónia.





Despedimo-nos então de Sua Majestade D. João V, o Magnânimo, agradecendo-lhe com uma grande e respeitosa vénia; depois, deixámos Coimbra com toda a sua cultura e rumámos a Aveiro que nos saudou alegremente com a sua característica salgada maresia.



Licínio Amador
Aula de Comunicação

Notícias da Academia

Convivendo com a Autoridade

A meio do mês de Janeiro, o convite chegou à Direcção da nossa Academia e não deixou de nos surpreender. Sabíamos que exigiria de nós muita responsabilidade, mas que nos iria também trazer um certo privilégio...Colocámos algumas dúvidas: “como seria com a deslocação? Que não, não haveria problema, teríamos o pretendido transporte”; “e que teríamos de actuar em quase jejum...; mas com certeza almoçaríamos todos juntos.” Tudo tratado.

No dia do ensaio, demos a notícia. O Coro da nossa Academia iria abrilhantar o 123º Aniversário do estabelecimento da Polícia de Segurança Pública, em Aveiro, cantando para altas individualidades do Distrito e do País. A reacção dos colegas coralistas transformou por completo o ambiente sereno e disciplinado que antecede o aquecimento das vozes... Um *bruá* que atingiu não só as sopranos e as contraltos, mas que se estendeu também aos tenores e aos baixos... E quando lhes foi dito que viajaríamos até ao Comando Distrital numa viatura da Corporação, então alguém alvitrou que iríamos todos “de cana“... Foi a hilariedade total. Mas, logo

de seguida, todos percebemos que a missão implicaria o julgamento exigente do nosso auditório. E ensaiámos como sempre, empenhadamente.

Hoje, dia dois de Março, no regresso do Comando, onde cantámos Aveiro, as suas belas tricanas e a sua formosa ria, e, num almoço *buffet* conversámos com simples agentes e altos Comandos, num convívio informal, mas caloroso, trouxemos gravadas nas nossas memórias as palavras amáveis, mas creio que muito sentidas, dos que nos felicitaram, por tão bem termos sabido dar a conhecer a nossa cidade e a nossa Academia. E ainda uma pequena salva de prata que irá recordar esta data.

Sem sombra de dúvida, uma vez mais estamos todos de Parabéns. Muito especialmente a nossa timoneira, a Maestrina Olga Dodanova, excelente e dedicada profissional a quem expressamos toda a nossa gratidão. *Spasiba*.

Maria Teresa Albuquerque

Carnaval

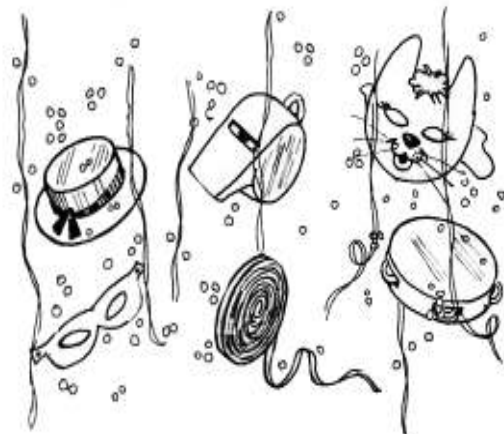
O Mundo é um Carnaval. Em cada dia
Vemos máscaras na rua a desfilarem...
E o que se esconde além da fantasia
Não se pode entender nem decifrar!

Passa a Mentira sempre nua e fria,
Vestida de Verdade a disfarçar;
Passa a Amizade muda e fugidia
Quando a chamam e pedem p’ra ajudar.

O Mundo é um Carnaval, enganador,
Passa também às vezes o Amor
Enchendo de alegria o coração.

Porém no Carnaval, no verdadeiro,
As pessoas se soltam por inteiro,
Deixam cair as máscaras no chão!

Maria Celeste





Convívio de Carnaval

Um convívio, por pequeno que se pense, deve assentar numa organização adequada, para ter resultados positivos em função dos objectivos desejados. No caso, por muito que se diga que “é Carnaval e ninguém leva a mal”, a organização cedo começou a preparar o evento, imprimindo-lhe alma, não deixando por mãos alheias os pormenores que haviam de lhe dar qualidade, marcado para o Hotel de Ílhavo, com jantar aprimorado e prendinhas condizentes com a ocasião, para uma construtiva brincadeira, alimentada pelo entusiasmo dos foliões, já que não havia brasileiradas nem ritmos escaldantes. Tudo ao jeito e com respeito!

Feitas as devidas publicidades com cartazes que primaram pela criatividade, a organização desafiou a comunidade dos “saberes de Aveiro” para um desfile de fantasiados carnavalescos – a que responderam 13 convivas. A noite foi animada pelo conjunto “Nota-a-Nota”, que se portou à medida dos foliões, com música apelativa, que decorreu após o agradável repasto de variantes gastronómicas – com direito a suplementos de referência, ainda após o bater da meia-noite. Não podemos deixar de manifestar o nosso apreço pela forma profissional como este Hotel nos tratou.



Mas, voltemos aos convívio... Os foliões primaram pela exuberância dos seus trajes, compostos ao gosto e jeito de cada um, mas todos contribuindo para um ambiente de alegria geral. A cada chegada - vestidos ali num improvisado ou já devidamente preparados para o concurso - aumentava o número de “exemplares exóticos”, difíceis de imaginar na nossa Academia. São estes momentos que nos dão a

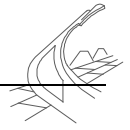
dimensão dos valores escondidos por trás da máscara que se carrega no dia a dia.

Acomodados cada qual em seu lugar – eram cerca de 100 pessoas distribuídas por diversas mesas, nomeadamente a da Direcção, Assembleia Geral e Conselho Fiscal, a da Organização e a do Júri - seguiram-se acolhedoras palavras de boas-vindas proferidas pela Coordenadora da organização deste evento, M^a da Conceição Lages, que apresentou os bons colaboradores de que se soube rodear: Rosa Maria Malheiro do Vale, Elisa Maria Pinho, Adelina Reis, Carlos Reis e Teresa Agualusa. O jantar correu às mil maravilhas. E ainda se saboreavam umas doçuras, ou mais um café, e já a “maestrina” Sãozinha Lages, de microfone em punho, lembrava as regras do concurso que se iria seguir, apelando à atenção do “sábio” Júri, constituído por seis “académicos” por si atempadamente seleccionados.

Logo se estendeu um comprido tapete vermelho e, apresentados os concorrentes para melhor identificação, passou-se ao desfile individual, brindado com sonoros acordes – momento alto e expectante! Acabado este, veio a decisão do Júri, que assim ditou a sua inquestionável sentença, por todos acolhida com o calor dos aplausos, de acordo com a lista que se segue, por ordem decrescente: Augusta Rego (Primavera de Belasças), Francisca (Índia pena em pé), Adelaide (À Romero), Conceição (Sopeirona), Mário (El Torero), Graciete (Mi Lady), Manuel Manangão (Onassis), Alexandre (Sheik Iraquiano), Augusta Oliveira (Marroquina), Lurdes (Paquistanesa), Luísa Rubio (Mulher Bomba), Elisa (Joaninha a boa a boa), Rosa Vale (Corista). O prémio de desconolação foi atribuído a Coutinho Dias. Todos receberam o prémio que lhes era devido, não podendo nós deixar de expressar a nossa gratidão aos que colaboraram com essas ofertas - casas comerciais ou simples amigos –, respondendo positivamente à solicitação que lhes foi feita pela Coordenadora da organização. Seguiu-se, então, com boa música, a bailação geral, com cor e vida, em que todos – ou quase – deram corda aos sapatos até à 1h30m. Fizeram-se despedidas e últimos agradecimentos à organização e salientou-se o contributo de todos para uma bela noite, bem diferente, em que foi evidente o ambiente de amizade, de que resultou a vontade de que para o ano haja mais!

Fernanda Neves





Baile de Carnaval 2010

No passado dia 12 de Fevereiro, realizou-se mais um animado baile de Carnaval da Academia de Saberes de Aveiro.

Além do jantar dançante, houve um desfile e concurso de fantasias de Carnaval, com atribuição de vários prémios, até ao 13º lugar!

A principal responsável pela organização desta festa de Carnaval foi a Maria da Conceição Carreto Lages, mais conhecida por Sãozinha, coadjuvada por outros dinâmicos sócios da Academia.

O júri do concurso, para apreciação dos trajes e fantasias de Carnaval, foi constituído pelos seguintes elementos: Prof.^a Ana Cláudia S. Matos (formadora de Expressão Corporal), Prof.^a Teresa Isabel Silveirinha (formadora de Danças de Salão), Prof.^a Maria do Carmo S. Costa (formadora de Danças Regionais), Dr.^a Maria Cacilda Marado (formadora de Comunicação), Dr. Amorim Figueiredo (sócio da Academia) e Dr.^a Maria Fernanda F. Neves (sócia da Academia).

Foi atribuído o 1º prémio, para a melhor fantasia, considerada porventura a mais original, à sócia Augusta Maria Rego. Corporizando a Primavera, leve e airosa, apresentou um vestido cor-de-rosa, adornado de rosinhas aplicadas pela própria, à mão. Na cabeça, uma coroa de rosas de várias cores.

Estiveram nesta festa cerca de 100 pessoas.

O baile acabou de madrugada, em alegre convívio e depois de um bom jantar, sempre com música ao vivo.

Parabéns à equipa da organização desta festa, que preparou tudo em pormenor e com muito entusiasmo.



GM

La historia de las lenguas latinas es una verdadera Odisea Taller – Proverbios

El día 7 de enero de 2010 el grupo de alumnos de enseñanza española, liderado por la orientadora Maria de Lurdes Brito, se desplazó hacia la Universidad de Aveiro donde participó en la reunion de trabajo cuyo objeto era probar como las lenguas latinas tienen una plaza importante en la Europa actual.

De hecho, gracias a esa raíz en común, podemos entender muchas palabras.

Teniendo como base el tema « proverbios » ha sido fácil descubrir proverbios con semejanza en los otros idiomas.

El trabajo fue interesante y al mismo tiempo lúdico.

El grupo participó muy bien llegando a las metas propuestas por las orientadoras Ana Sofia Pinho y Sílvia Margarida Gomes a las que estamos gratos por esta enseñanza más.

Por todos nosotros

Maria José Sampaio

PD - Que se ha olvidado de mencionar que al final la hemos felicitado por su cumpleaños y que ella ha agradecido con unas yemitas maravillosas, terminando todo con un gran aplauso. Lo que significa que estamos todos de enhorabuena.

English Club

Em Fevereiro, tivemos a visita de Ann Stringer que mostrou várias maneiras de fazer tapetes de trapo. Tudo reciclado - até os fios de coser! Foi muito interessante. Em Março, conversámos um pouco sobre "stereotypes" e depois provámos uns *chutneys* - feitos por Ann Stringer - e lemos as receitas que esta tem dado. Em todos os encontros do English Club houve uma pequena colecção de livros para emprestar.

Anne Bartlett





Caminhos de Santiago

No dia 26 de Fevereiro de 2010, decorreu na Biblioteca Municipal de Aveiro uma sessão inserida no Clube Europa, versando o tema “Caminhos de Santiago” liderada pelos professores Maria José Cartaxo e Sílvio Conde.

Quem é que já não sonhou pegar numa mochila às costas e meter-se à viagem durante muitos dias a calcorrear o Caminho de Santiago?

Ver palmo por palmo todas as igrejas, monumentos, todas as alminhas, todas as fontes, todas as casas senhoriais, todos os albergues, todas as pedras, assinalando o caminho a prosseguir...

Mas ir a Santiago porquê?



História ou lenda, o Apóstolo Santiago teria pregado o cristianismo nas terras da Península Ibérica. Após ter sido decapitado na Palestina, por volta de 44 d.c., os Apóstolos trasladaram o seu corpo até à Galiza, enterrando-o num ermo. Cerca do séc. IX d.c., são descobertos restos mortais e as autoridades civis e religiosas consideraram que seriam os do Apóstolo Santiago, o Maior. Tal acontecimento viria a dar lugar ao nascimento da cidade de Santiago de Compostela, convertida na atractiva meta de peregrinações ao sepulcro dos únicos Apóstolos de Cristo enterrados em solo europeu - Santiago na Galiza e S. Pedro em Roma. São muitos os caminhos para Santiago tais como: o caminho português, caminho de Fisterra-Muxia, a rota do Mar, o Caminho do Norte, o Caminho Inglês, o Caminho Francês, o Caminho Primitivo, o Caminho do Sudoeste, etc..

A peregrinação Jacobea a partir de Portugal, ainda que provavelmente já existisse na época da Alta Idade Média, intensifica-se a partir da independência do país em meados do séc. XII.

Desde sempre o povo português peregrinou rumo à

Galiza, sempre apoiado pelo exemplo de reis, nobres e altos clérigos. A Rainha Santa, D. Isabel de Aragão, foi disso um bom exemplo, pois para lá se deslocou três vezes e até doou a sua coroa a Santiago.

Os Caminhos fazem uso de trajectos antigos, que cruzam bosques, terras de labor, aldeias, e cidades históricas. Caminhos que saltam cursos de água através de pontes, algumas ainda de origem romana; caminhos enriquecidos pela presença de capelas, igrejas, conventos e cruzeiros nos quais é habitual a confortadora presença de Santiago Peregrino, acompanhando o romeiro e animando-o no seu caminhar...

A hospitalidade das gentes é proverbial e o acolhimento ao peregrino é uma das marcas de identidade da peregrinação Jacobea. Efectuado desde a Idade Média por monges e clérigos, nos hospitais fundados por reis e nobres, hoje os hospedeiros dos albergues de peregrinos são os habitantes das actuais povoações que mantêm a secular tradição e animam os esforços daqueles que caminham em direcção a Santiago.

Os peregrinos vão calcorreando os velhos trajectos de uma das mais importantes vias romanas – A Gallaecia Romana, em vigência durante muitos séculos – a via construída no século I d.c. em tempos de Augusto, conhecida como “itinerário de Antonino”.

Na demanda destes caminhos é uma constante o culto à Mãe de Jesus; em Pontevedra, no santuário da Virgem Peregrina; em Tui, na Catedral de Santa Maria de Tui, bem como na colegiada de Santa Maria de Iria, etc

Dado que a maioria dos peregrinos era pobre, ou se movimentava com pouco dinheiro com medo dos assaltos, esta preocupação deu origem ao aparecimento de passes de isenção de pagamento em certos locais e também ao acesso gratuito a comida e a dormida. Os passes vieram a originar a caderneta que é carimbada nos locais de passagem, para identificar os peregrinos autênticos. Ao apresentá-la na sua chegada a Santiago, na “Oficina do Peregrino”, obtém-se um certificado, a chamada “Compostelana” que permite usufruir das mesmas regalias no regresso. O mais antigo documento deste tipo que se conhece data de 1321.

Serão diversas as motivações dos que peregrinando (Peregrinus em latim, queria dizer aquele que atravessa os campos: “per agros”) se dirigem a Santiago, e testemunham que é o momento ideal para reflectir; é quase uma paragem no tempo, uma evasão da rotina diária. Aí, as pessoas conseguem ver-se melhor a si mesmas e avaliar o verdadeiro





valor das coisas simples que a vida oferece. Mesmo os não crentes - se é que os há – imbuídos como estamos pela cultura judaico-cristã, ao seguirem a pé, por vezes penosamente, a rota das famosas setas amarelas, com o culminar da grande jornada – a chegada ao Santuário – não podem evitar um sentimento de renovada espiritualidade. Portanto, a caminho!

Helena Linhares

Nota: Apontamentos retirados da Sessão Clube Europa acima mencionada e do livro “A Caminho de Santiago” de Conde de Almada, gentilmente cedido pela Prof. M. J. Cartaxo

Actividades pedestres

Este tempo de Inverno não foi muito bom para passear! Assim, tivemos de cancelar um passeio e conseguimos apenas realizar dois, com poucos participantes, e dentro dos limites da cidade. Felizmente, nesses dias, a chuva foi muito fraca e tivemos um bom convívio e um almoço óptimo! No dia 30 de Janeiro, fomos a Válega. O passeio do apeadeiro até à vila foi agradável e a igreja que visitámos é muito colorida e bonita. No final do almoço, visitámos os dois museus de Válega – o da escola velha e o de folclore. Neste, havia uma exposição sobre plantas medicinais para fazer chá e outros remédios caseiros. Foi um dia interessante e com boa companhia – e até não choveu!

Anne Bartlett

As nossas leituras

As Esquinas do Tempo de Rosa Lobato Faria

Trata-se de um romance ficcionário em que a trama emocional conjuga o imaginário num entrelaçar de episódios vividos em tempos diferentes ao longo de um século, nomeadamente entre 1908 e 2008.

Os principais protagonistas deste romance são Margarida e Miguel.

Margarida Saldanha, professora de Matemática, vai fazer uma palestra (sobre as novas tendências do ensino da sua disciplina) a Vila Real e opta pelo turismo rural para se instalar, indo assim parar à Casa da Azenha.

No quarto onde se aloja, um pouco talvez tonta ou levemente embriagada (devido ao convívio do final da palestra), impressiona-se de imediato com o homem do quadro antigo na frente da cama, afinal parecido com o Miguel Mancini por quem actualmente está apaixonada. Deita-se com o pijama habitual e, de manhã, acorda com uma linda camisa cor de rosa enfeitada de folhinhos, pintinhas e rendinhas e com a ausência do dito quadro.

E Margarida fica a saber que está em 1908 (a 15 de Setembro) no seio de uma família abastada. Portanto, tratada com mimos e requintes de uma menina fina, rodeada de todas as atenções, mas sujeita às muitas etiquetas, atavismos e atrasos em relação ao século XXI.

Ora, Margarida tem de se integrar nesta sua nova e desconhecida família e numa sociedade com estas características, tendo ela própria uma mentalidade cem anos à frente.

Por isso, por exemplo, na vida amorosa que desenvolve com Miguel Ventura, o rapaz do quadro, é ela quem toma as iniciativas, assim como é também ela que o ensina a guiar o primeiro carro. Escusado é assinalar que estes comportamentos chocam quem deles se apercebe.

Este Miguel morre precisamente devido a um acidente de carro e ao despedir-se de Margarida, trata-a por “pequeninha” e diz-lhe “até breve, no século futuro” (o XXI).

Entretanto Margarida Mendonça (o nome dela em 1908) volta para o século XXI.

A família fica intrigada e não arranja explicação para aqueles 8 ou 10 dias em que não tivera qualquer notícia dela (Margarida). Esta reencontra a sua antiga paixão, o Miguel Mancini e curiosamente, talvez coincidência, ele trata-a por “pequeninha” como o tal Miguel de cem anos atrás.

Através de muitas peripécias, Margarida vive agora com uma dupla personalidade e num grande conflito interior. Sente imensa curiosidade perante certas situações: quer questionar as pessoas, mas ao mesmo tempo receia que a julguem maluca. E este dilema acompanha-a até ao fim de todo o enredo, como que com um pé em 1908 e outro em 2008.

Margarida continua assim a viajar de um século para o outro em certos lapsos da sua memória e o marido Miguel (com quem casara) habituara-se a compreender este facto e deixa-a viver a seu gosto, pois nunca lhe quis dizer que tudo era um sonho.

Num determinado dia, envergando um lindo traje do século, ela exclama “Acho que estou curada”.

O romance acaba, deixando o leitor na expectativa, sem perceber afinal o significado desta expressão.

Rosinda





Este texto revela uma imaginação muito rica que, embora rondando a inverosimilhança, prende o leitor durante umas horas. Efectivamente, Rosa Lobato Faria é uma ficcionista com uma extraordinária facilidade discursiva que leva consigo o leitor nos jogos do amor e da ignomínia.

Por isto, ao ler este livro, tive de estar muito atenta, não só à linguagem, mas também ao enredo, pois a protagonista, menina experiente do século XX e com experiências do XXI, deixou-se amar e amou de tal modo que a confusão também bateu à sua porta, no que aos destinatários do seu amor diz respeito. Efectivamente, as Margaridas, os Miguéis, os Pedros, as Marianas e as Madalenas, e não só, entrecruzam-se ao jeito do narrador que, ora flutua pelo real, ora voga pelo fantástico.

De realçar também neste livro o percurso da mulher no caminho da emancipação.

Certamente, Rosa Lobato Faria continuará a deliciar com os seus livros, o seu legado, todos os que quiserem continuar a dar-lhes vida, lendo-os.

Maria Cacilda Marado

Numa linguagem clara, repleta de sensibilidade e de romantismo, desenvolve-se o enredo envolto em mistério, que prende o leitor ansiosamente, nos labirintos do tempo, até ao final.

O espaço-tempo é aproveitado magistralmente, pela autora, como elemento essencial na construção da história.

É, através dele e das suas viagens, que as personagens, Margarida Saldanha e Margarida Mendonça, vão delineando as diferentes épocas do passado com os seus costumes, as vivências positivas e negativas da altura, mas em que o amor, a paixão, a saudade são predominantes e impulsionadores das diferentes situações.

É, também, de certa forma, uma reflexão sobre a influência negativa, a nível psicológico, dessas viagens (se e quando forem possíveis), para alguém que não esteja preparado, como foi o caso de Margarida Saldanha, que durante muito tempo ficou perturbada.

Esta problemática insere-se na Teoria da Relatividade de Einstein que aponta para a possibilidade de se poderem verificar viagens no tempo desde que se reünam determinadas condições. Sendo o espaço-tempo independente da matéria, necessita de que a velocidade de expansão seja igual ou superior a trezentos mil quilómetros por segundo, ou seja, a velocidade da luz no vácuo.

Acontece que, na prática, ainda não se consegue

atingir a velocidade da luz. Quando isso se verificar, poderá ser possível a concretização de viagens espaciais mais longas e, quem sabe, também, a das viagens individuais.

Portanto, para já, as viagens no tempo ficam só no imaginário colectivo.

Conceição Neiva

Este livro consegue transmitir-nos que a ficção está próxima da realidade.

Todos nós gostávamos de saber como eram os nossos antepassados, pois há um certo fascínio na maneira de os ver. Tínhamos curiosidade em conhecer a maneira como se vestiam, como conviviam, como passavam os dias.

Existe ainda hoje nas nossas famílias o hábito de encontrar semelhanças nesta ou naquela pessoa mais velha ou com grau de parentesco.

Toda esta fantasia muito bem escrita por Rosa Lobato de Faria é fascinante na medida em que nos aproxima tão rapidamente de dois séculos atrás.

Isto torna-nos mais próximos, mais genuínos neste romance de pura ficção que se chama “Esquinas do Tempo”.

O passado reflecte-se no presente e vai reportar-nos ao futuro. Tudo tem uma sequência, uma linha condutora.

Quem vive hoje no século XXI se, de repente, acordasse no século XIX sentiria falta de imensas coisas que hoje fazem parte do seu dia a dia, mas por outro lado, esses bens materiais iriam ser substituídos pela paz e pela calma de ver passar os dias.

Esta relação tempo/espaço completa-se, pois um é a sequência do outro.

Sem um, não existia o outro e isso é, sem dúvida, a maravilha da nossa existência.

Isabel Maria





Encostei-me às esquinas do tempo
Olhando em frente vi o passado
E mergulhei nele interessado.
Sairia triste ou encantado?

Flores, pessoas, tal como tinha sonhado
Entravam e saíam de mim.
Até um amor falhado
Surgiu naquele jardim
Onde foi desfolhado

Começou-me a doer por estar encostado
Fechei os olhos, abri-os.
Estava de novo acordado.

É bom de ver
Estar encostado à esquina do tempo
Só se não doer.

Cachim



Nota: Efectivamente, o leitor vem completar os vazios do texto, o que confirma o postulado de Umberto Eco: *Um texto é um mecanismo preguiçoso que vive da mais-valia de sentido que o destinatário lhe introduz.*

Feliz

Páscoa

Cantinho da poesia

Amizade

Afeição profunda, incondicional,
Engrandecida de infinita esperança,
Zelosa na sua perseverança,
Independente de qualquer mal.
Mima e ajuda
Transmitindo confiança,
Ao ansiar pela plenitude
Daqueles que alcança.

Esperança

Enquanto há “Vida”...
Sonhos, aspirações que se deixam realizar,
Por imposição de muita persistência e onde a “Fé”
não pode faltar.
Emoções e sentimentos positivos,
Raios de sol na neblina dos pensamentos,
Alento para os que servem os melhores intentos,
Naturalmente pressentidos, reconfortantes,
Centelha da força intrínseca de todo o “Ser”
A que não falta “Esperança, Amor, Saber”.

Conceição Neiva

